

DIRETORIA 1975

Presidente — Helena Corrêa Machado
Vice-presidente — Jucy Neiva
1ª Secretária — Regina Alves Vieira
2ª Secretária — Aclair Ramos de Oliveira
1º Tesoureiro — Wilma Schaefer Corrêa
2º Tesoureiro — Aurora Ferraz Frazão

CONSELHO DELIBERATIVO EM 1975

Marilena Leite Paes — até 1981
Wilma Schaefer Corrêa — até 1981
José Pedro Pinto Esposel — até 1981
Lourdes Costa e Souza — até 1979
presidente
Astrêa de Moraes e Castro — até 1979
Helena Corrêa Machado — até 1979
— (art. 18 § 9º — estatutos)
Raul do Rêgo Lima — até 1977
Maria Luiza S. Dannemann — até 1977
Myrthes da Silva Ferreira — até 1977

SUPLENTES

Janine Resnikoff Diamante — até 1981
Maura Esândola Quinhões — até 1981
Gilda Nunes Pinto — até 1979
Celita Pereira Gondim — até 1976
Martha Maria Gonçalves — até 1977
Maria Amélia P. Migueis — até 1977

CONSELHO FISCAL EM 1975

Deusdedith Leandro de Oliveira
Fernando Salinas
José Lima de Carvalho

SUPLENTES

Milton Machado
Jaime Antunes da Silva

V. 5 — Nº 2 — agosto — 1976

publicação da
Associação dos Arquivistas Brasileiros

Redação

Praça da República, 26 - Centro - ZC-14
20.000 - RIO DE JANEIRO - BRASIL
(endereço provisório) Tel. 252-2338

Diretor Responsável
Maria de La E. de España Iglesias

Diretora Técnica
Marilena Leite Paes

Secretária
Lourdes Costa e Souza

Colaboraram nesta edição:

Helena Corrêa Machado
Vinicius de Moraes
Maria Amélia Porto Migueis
Astrêa de Moraes e Castro

Arte Final
Americo Cardoso

Impressão

GRÁFICA MEC EDITORA LTDA.
Av. Professor Manoel de Abreu, 850
V. Izabel - Tel. 248-1428
RIO DE JANEIRO

correspondência: arquivo & administração
Praça da República, 26 - Centro - ZC-14
20.000 - RIO DE JANEIRO - BRASIL

os artigos assinados são de
responsabilidade dos colaboradores
e não expressam necessariamente
o pensamento da associação.

Permitida a reprodução de artigos
desta revista desde que seja citada a fonte.

periodicidade: quadrimestral

próxima edição: Dezembro 1976

distribuição: aab

desejamos permuta
deseamos permuta
nous desirons echange
We are interested in exchange



SUMÁRIO

EDITORIAL	5
CARTAS	6
CRÔNICA	26
Vinicius de Moraes	
ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA EM ARQUIVOS DE CUSTÓDIA	7-20
TESTEMUNHO: PREGRIÇÃO POR ARQUIVOS BRASILEIROS	21-22
Astréa de Moraes e Castro	
NOTÍCIAS	22-23
UM PROJETO DE PROGRAMA PARA A SEMANA INTERNACIONAL DOS ARQUIVOS	24
1.º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARQUIVOS MUNICIPAIS	25
RESENHA	26

ARQUIVO & ADMINISTRAÇÃO. Rio de Janeiro, Associação dos
Arquivistas Brasileiros, 1972 —

v. 1 n.º 0 out. 1972
v. ilustr. quadrimestral

“Órgão oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros.”

1. Associação dos Arquivistas Brasileiros, Rio de Janeiro.
2. Arquivos — Periódicos.

CDD 025.171

TESTEMUNHO:

PEREGRINAÇÃO POR ARQUIVOS BRASILEIROS (1)

Astréa de Moraes e Castro

Um arquivologista, quando visita qualquer terra, qualquer povo, quer saber onde estão seus arquivos ou o que foi feito deles.

No Brasil, infelizmente, tenho tido notícias de muitas eliminações em massa, e poucas vezes, surpresas agradáveis.

No Amapá, em visita ao novo Governador, em dia de aniversário do Território, apreciei, deveras emocionada, a passeata de crianças e jovens de 1.º 2 2.º graus e Cursos Profissionalizantes. Tantos os estudantes, que a impressão era de que davam volta à esquina e retornavam . . . Realmente, o Amapá possui uma consciência educacional. Parabeneizei o novo Governador, Comandante Arthue de Azevedo Henning e seu Secretário de Educação com as palavras: Os Senhores já começam com a infra-estrutura; agora é só construir!

Naturalmente, após os festejos, procurei o documentário. Era incinerado no término de cada administração . . . Indicaram-me uma fortaleza como ponto turístico, e lá fui eu pegar em flagrante um funcionário queimando os últimos vestígios da prova do labor administrativo anterior. Daí mesmo dei o grito de alerta e o sargento que executava "o crime", inocentemente (ordens superiores), ouviu a primeira lição de Arquivo de sua vida, olhos esbugalhados e mãos trêmulas, tentando salvar algum papel.

Hoje, o Governo do Território providencia uma reforma administrativa e se conscientiza de seus arquivos correntes para que estes documentem, amanhã, a história que começará a ser contada um pouco tardiamente.

A cidade de Goiás, já há bastante tempo, foi visitada, vasculhados os seus arquivos, e entrevistados os seus heróicos funcionários.

O Arquivo é conservado junto ao Museu das Bandeiras, (Notas Históricas, no fim do artigo).

Maria Luiza, funcionária do Patrimônio Histórico, arquivista nível 7, ganhava Cr\$ 285,00 mas recebia líquido Cr\$ 272,00, sendo que o salário mínimo de Goiás, naquele ano de 1972, era de Cr\$ 172,00. Havia três auxiliares que recebiam Cr\$ 276,00 líquidos (verba 3); um servente, nível 5, que esperava aumento de 20% para o mês próximo. A verba para o Museu era de mais ou menos Cr\$ 380,00 e, naquele ano, estávamos em outubro, e a verba não havia chegado . . .

A arquivista tirava Cr\$ 80,00 de seu ordenado para pagar o querosene que alimentava os lampiões, única luz usada. Contou-me a funcionária que, quando chovia, as salas muito escuras, dificultavam a leitura dos documentos. E não havia extintor de incêndio . . .

Hoje, naturalmente, o salário mínimo de Goiás é de Cr\$ 417,00 e os ordenados foram atualizados de acordo com o mesmo, sem nenhum outro aumento substancial.

A classificação da primeira sala é pelo fundo da Tesouraria do Ministério da Fazenda, e seções dentro do fundo. As demais salas já contêm documentário por períodos da História do Brasil, com exceção da sexta sala.

A segunda, Brasil-Colônia; a terceira, Brasil-Império; a quarta, Brasil-República; na quinta sala havia uma parte (maior acervo) sobre Brasil-Império, continuação da terceira; na sexta sala, o fundo do Ministério da Guerra dividido por batalhões e seções.

Aquela época, classificação, arranjo e registro em fichas estavam quase todos já elaborados, com exceção do acervo da República e uma parte do conteúdo da quinta sala. O fundo do Ministério da Guerra dir-se-ia já possuir Inventário Definitivo.

Reclamava a arquivista que a Universidade de São Paulo preparava um Arquivo de Microfilmes e levava documentário original, mandando-o de volta com demora muito grande e inteiramente desordenado, perdendo, portanto, todo o primeiro trabalho.

Tive conhecimento deste Centro de Documentação e me regoziquei com as duas historiôgrafas que vieram a Brasília e me procuravam para debatermos sobre microfilmagem de arquivos. Afirmaram que levariam, aos diversos cantos do Brasil, microfilmadora portátil, para não causar danos aos documentos . . .

É preciso sempre enfatizar que as arquivologistas cabem as tarefas próprias de sua especialidade, e se outros profissionais querem entrar em nossa área, que sejam bem-vindos mas, conscientizem-se de que Arquivo é ciência e técnica que precisam ser estudadas em profundidade como quaisquer outras ciências e técnicas.

Na Igreja do Rosário, na mesma cidade de Goiás, estive conversando com Frei Simão Drovi e me surpreendi com seus arquivos eclesiais. Todo o Estado de Goiás está referenciado ali. São 1.800.000 fichas. Há um dístico que constitui sua meta de trabalho: "Quero salvar os documentos". Restaurou sozinho todo o acervo da Diocese de Goiás, da Diocese de Anápolis. Estava, na ocasião, restaurando os da Diocese de Paracatu de Minas.

Como sabemos, os registros de batizados, casamentos, testamentos e óbitos, realizados na Igreja, substituíam os civís, e hoje ainda, na falta destes últimos, o Estado aceita documentos eclesiásticos para regularizar a vida jurídica de uma pessoa.

Cada espécie de documento tem sua ou suas gavetas no fichário, e este está organizado em ordem alfabética.

Como devemos ao Frei Simão! Seu documentário vem de 1709.

Ontem cheguei de Uberaba. Não fui ver os arquivos. Era Semana Santa. Entrevistei o professor Guido Bilharinho, Presidente da Academia de Letras do Triângulo Mineiro e editor da Revista Convergência, de grande conteúdo literário e científico.

Contou-me que o professor SOeiro, Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, solicitou documentação das Igrejas do Arraial do Desemboque, hoje Distrito do Município de Sacramento, berço da civilização do Triângulo Mineiro, para tombá-las; o pedido partira da Academia ao então Ministro Jarbas Passarinho quando de sua visita a Uberaba.

Toda a documentação havia sido eliminada pelo então Pároco, por incrível que pareça . . .

De outra feita, visitarei os arquivos correntes e históricos da tradicional cidade, bem como os oficiais e os dos cartórios.

Sobre o do 1.º Ofício, posso já adiantar — foi dos mais bem organizados que conheci, já há vários anos, de anteriores visitas. O autor dessa organização foi Mário Moraes e Castro, morto há dois anos, o mais velho tabelião de toda Minas Gerais, com mais de cinquenta anos de serviços prestados, bom senso aplicado a um bem conservado arquivo.

Continuarei na minha peregrinação. Proximamente abordarei os arquivos da FUNAI.

Notas Históricas sobre o Museu da Bandeira na Cidade de Goiás:

Casa da Câmara e Cadeia — construída em 1766, no Reinado de D. José I, sendo o Governador de Goiás, o Gal. João Manoel de Menezes. Sua parte superior era destinada à Casa da Câmara, e a inferior à prisão. Foi construída segundo projeto existente no Arquivo colonial Português da Marinha e Ultramar, tendo importado a sua construção em vinte contos de réis.

Suas paredes externas, com quase um metro de largura, são levantadas em alvenaria, sendo os portais das janelas da enxovia da esquerda cravados em pedras em bonito trabalho de cantaria, encrustradas de grades de ferro batido além de grades internas de madeira aroeira revestidas de placas de ferro.

O pequeno torreão no centro é a casa do sino, o qual ainda se encontra ali, e era batido às 21 horas, horário de revista aos prisioneiros, como também, nos dias em que havia júri, avisando a população do horário do mesmo.

Funcionou como prisão até 1950, quando então foi doado ao Patrimônio Histórico, Artístico, Nacional, que o transformou em Museu, com a denominação de Museu das Bandeiras em homenagem às inúmeras bandeiras que perambularam por estes rincões.

Componentes do Museu da Bandeira — Encarregada: Maria Luiza Brandão; Funcionários: Jaime do Nascimento e Costa; Elizabeth Pacheco Santana de Brito e Manoel Pereira de Assis.

NOTÍCIAS

PALESTRAS

Dando prosseguimento ao programa de trabalho da Associação dos Arquivistas Brasileiros para o exercício de 1976, foram realizadas, durante o mês de maio último, no auditório da Escola de Serviço Público do Estado do Rio de Janeiro, três interessantes palestras versando sobre assuntos de interesse dos profissionais de Arquivologia, a saber:



Prof. José Pedro Esposel proferindo palestra sobre os arquivos norte-americanos e canadenses, ladeado pela Presidente da AAB, Profª Helena Corrêa Machado e pelo Sr. Marco Antonio Coelho.



Sr. Marco Antonio Coelho dando suas impressões como ex-aluno da Escuela de Archiveros de Córdoba (Argentina)

Dia 13.05.76

1. Arquivos Norte-Americanos e Canadenses, proferida pelo Prof. José Pedro Pinto Esposel, que relatou suas experiências de viagem de estudos, bem como de suas visitas a diversos arquivos do continente norte-americano;

2. Impressões de ex-aluno do curso patrocinado pela Organização dos Estados Americanos, na Escuela de Archiveros de Córdoba, Argentina, proferida pelo Sr. Marco Antonio Coelho.